

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2013



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Vaneide Aparecida Pereira Guiraldello¹
Marilene Mieko Yamamoto Pires²

RESUMO

Esse artigo é uma produção do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), desenvolvida pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED-PR) como formação continuada para os professores da rede pública estadual de ensino. Esse estudo alicerçou-se nos pressupostos teóricos do ensino de Ciências das Diretrizes Curriculares da Educação Básica. A intervenção pedagógica foi desenvolvida com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Alberico Marques da Silva, na cidade de Santa Isabel do Ivaí, estado do Paraná, durante o ano de 2014. Com objetivo de proporcionar aos educandos esclarecimentos nas questões relacionadas à sexualidade, as modificações que ocorrem no corpo, os métodos contraceptivos, gravidez indesejada na adolescência e as DST/AIDS para que as dúvidas fossem sanadas, os tabus e mitos fossem desmistificados. A ressignificação das informações e valores incorporados e vivenciados pelos alunos poderá assim exercer de maneira consciente e responsável a sexualidade. Verificou-se muito empenho e participação dos envolvidos nas oficinas realizadas onde os mesmos produziram texto, com o intuito de compreender que a sexualidade faz parte da vida humana e que está sempre presente em nossos dias, desde o nascimento até o fim da vida.

Palavras-chave: Adolescência. Sexualidade. Prevenção. Gravidez Indesejada.

1 INTRODUÇÃO

Os dias atuais são marcados por inúmeros fatos, que envolvem os adolescentes, dentre eles: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS e situações de vulnerabilidade a que estão expostos.

¹Professora PDE Graduada em Ciências de 1 grau com habilitação em Matemática pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba – FAFIPA. Habilitação em Biologia pela Universidade Paranaense – UNIPAR. Pós-Graduação em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Matemática no Processo Educativo pela Faculdade de Educação São Luís – Jaboticabal- SP. Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior-Nível Especialização pela Faculdades Integradas de Fátima do Sul – FIFASUL – Fátima do Sul – MS. Pós-Graduação em Educação Especial: Atendimento às Necessidades Especiais pela faculdade Iguazu – Capanema – RJ. Professora de Ciências e Matemática do Colégio Estadual Alberico Marques da Silva, e do Colégio Estadual Fernando de Azevedo de Santa Isabel do Ivaí, Paraná, Brasil.

²Orientadora Doutora em Ciências pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Colegiado do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranaíba/FAFIPA.

Diante dessas situações os professores preocupados com esses adolescentes, refletindo como podem ser orientados para que possam ter uma vida com atitudes conscientes e responsáveis, preservando sempre a saúde e o bem estar social propôs-se o estudo desta temática.

Parece fácil nos dias de hoje abordar o tema sexualidade com os adolescentes, devido a influência exercida pela mídia, como por exemplo, os programas de televisão, propagandas e músicas que estão a todo momento enfatizando o sexo. Mas na verdade, existe uma dificuldade em abordar esse assunto com os adolescentes no meio familiar e no contexto de sala de aula por professores.

Muitos pais não se julgam preparados para conversar com os filhos quando o assunto está relacionado com a sexualidade, alguns não têm o domínio da questão, não têm o controle dos meios, dos aportes de informações e estímulos que vêm de todos os lados, ou mesmo, receio em falar sobre o assunto. Alguns pais, na correria do dia a dia não dispõem de tempo para abordar a questão, deixando assim de criar vínculos, de gerar novos laços de afeto e diálogo com seus filhos.

Alguns professores também dizem que não estão aptos para tratar pedagogicamente o tema sexualidade com seus alunos, segundo Sayão (1997) mesmo sem perceber, alguns educadores já ficam incomodados em transmitir esse tipo de conteúdo, pois eles mesmos têm suas próprias concepções, convicções e valores sobre a vida sexual, incluindo-se aí a moral e os preconceitos.

Outra dificuldade em abordar o tema é devido a certas reações de alguns alunos ao assistirem a tais aulas como sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinhos e perguntas inadequadas, desmotivando o trabalho sobre sexualidade.

Segundo Santos (2009), as discussões sobre a sexualidade precisam, portanto, dar-se nas várias disciplinas escolares, por meio dos conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares da Rede Pública do Estado do Paraná, em detrimento de uma discussão insipiente e desarticulada do contexto escolar.

Aliados aos pais, a escola, segundo Egypto (1995), é um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. E se a escola não

participar, deixará os adolescentes a mercê de experiências que provavelmente não vão dar conta dos anseios, dos medos e das dúvidas que vão surgindo ao longo da vida. Se a escola se nega ou não efetua esse trabalho, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Com isso, ela transmite para o adolescente a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal aprendida de qualquer jeito.

De acordo com Suplicy (2000) a função da escola é contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades.

Diante desse contexto, vemos a grande importância de se desenvolver no espaço escolar o trabalho de orientação sexual.

A partir da delimitação teórica e metodológica exposta acima, propomos a elaboração de uma Unidade Didático-Pedagógica que apresenta desafios aos alunos por meio das oficinas realizadas que permitem a apropriação do conteúdo, uma vez que a organização das atividades constituiu um trabalho planejado com o objetivo de que os alunos compreendessem que a sexualidade está intimamente ligada à personalidade humana. O público alvo para aplicação das atividades que propusemos na Unidade foram os alunos do 8º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Alberico Marques da Silva, localizado na cidade de Santa Isabel do Ivaí, estado do Paraná, Brasil. O número mínimo de aulas necessárias para aplicação da Unidade Didático-Pedagógica foi de 32 aulas.

2 DISPOSITIVOS TEÓRICOS

Desde os primórdios da vida a sexualidade sempre foi uma das características mais importantes do ser humano, que é movido constantemente por uma busca de satisfação dos seus desejos e prazeres, os quais manifestam muito precocemente. Por exemplo, a ereção peniana em fetos do sexo masculino pode ser observada em ultrassonografias. O mesmo ocorre com as meninas que apresentam lubrificação na vaginal desde os primeiros dias de vida (TAQUETTE, 2008, p. 205).

As sensações sexuais estão presentes durante todo o desenvolvimento das crianças, desde a fase da amamentação até o início da puberdade, quando então há uma intensificação destas sensações.

“A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito básico” (EGYPTO, 2003, p. 15).

Direitos esses, que a Constituição Federal de 1988 não contempla explicitamente, no que se refere à discriminação em relação à orientação sexual. Nos artigos 3º e 5º, podemos entender que esta categoria de análise está implícita ao tratar da igualdade de direitos entre todos os seres humanos.

No entanto, o Estado do Paraná possui duas leis que dão amparo legal e abertura a prática de uma Educação Sexual na escola. Lei nº 11.733, de 28 de maio de 1997 autoriza o Poder Executivo a implantar campanhas sobre Educação Sexual, a serem veiculadas nos estabelecimentos de ensino estadual de primeiro e segundo graus do Estado do Paraná. Lei nº 11.734, de 28 de maio de 1997 torna obrigatória à veiculação de programas de informação e prevenção da AIDS para os alunos de primeiro e segundo graus, no Estado do Paraná (PARANÁ, 2009, p. 25).

Embora essas duas leis proporcionem uma abertura da discussão sobre sexualidade na escola, tendo em vista principalmente, o momento histórico em que foram sancionadas, acabam, devido ao seu formato, reformando uma pedagogia de projetos, restringindo sua aplicação as datas ou semanas pontuais. Diante disso, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em sua perspectiva, concebe a sexualidade como uma abordagem necessária e essencial para a formação educacional. No início de 2007, na Coordenação de Desafios Educacionais

Contemporâneos, foi criada uma demanda intitulada Sexualidade como construção histórica, social, cultural e política.

As discussões propostas por este desafio educacional contemporâneo são fundamentadas pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – PNEDH (2006).

Consideramos que talvez o caminho para efetivar uma educação e uma escola democrática seja ensinarmos os alunos o respeito aos direitos humanos como principal forma de concepção de ensino.

Pensando nisso, devemos desenvolver ações no contexto escolar, articuladas entre o conhecimento do senso comum e o científico, sendo estas veiculadas pelos conteúdos das disciplinas escolares. Portanto, para nortear esse trabalho pedagógico do professor temos as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, que foram organizadas e planejadas para dar um rumo na educação Paranaense.

Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e da arte (PARANÁ, 2008, p. 16).

Tendo a escola essa função de socializar o conhecimento, logo os conteúdos disciplinares devem ser articulados na escola, de modo contextualizado, estabelecendo-se, entre eles, relações interdisciplinares.

Para as teorias críticas, nas quais estas diretrizes se fundamentam, o conceito de contextualização propicia a formação de sujeitos históricos-alunos e professores – que, ao se apropriarem do conhecimento, compreendem que as estruturas sociais são históricas, contraditórias e abertas (PARANÁ, 2009, p. 32).

Diante desse contexto, em 2003, com as mudanças no cenário político nacional e estadual, iniciou-se no Paraná um processo de discussão coletiva com o objetivo de produzir novas Diretrizes Curriculares para estabelecer novos rumos e uma nova identidade para o ensino de ciências.

Assim uma aprendizagem significativa no ensino de Ciências implica no entendimento de que o estudante aprende conteúdos científicos escolares quando lhes atribui significados. Isso põe o processo de construção de significados como elemento central do processo ensino aprendizagem (PARANÁ, 2008, p. 69).

“O estudante constrói significados cada vez que estabelece relações ‘substantivas e não-arbitrárias’ entre o que conhece de aprendizagens anteriores e o que aprende de novo” (AUSUBEL, 1980).

Corroborando com essas ideias Vigotsky (1991b), sugere que no Ensino de Ciências, os professores devem trabalhar com os conteúdos científicos escolares e suas relações conceituais, interdisciplinares e contextuais, considerando o desenvolvimento do estudante. Ao assumirmos tal postura como professores, e ao adequá-la à nova prática pedagógica e a nova formação teórica, estaremos diante da possibilidade de uma mudança concreta, vigente e real da escola como espaço de garantia dos direitos inerentes aos sujeitos nela atuantes.

Escola essa que é um espaço público, que tem como função social ser um centro difusor de conhecimento. Todo conhecimento, como a sexualidade, é patrimônio da humanidade. Portanto, ninguém é proprietário da aprendizagem (AQUINO, 1997, p. 84).

Segundo Egypto (1995), a escola é um lugar onde se discute conhecimento, através do diálogo e reflexão. É um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes.

Na medida em que a escola se nega ou não efetua esse trabalho, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Com isso, ela transmite para o adolescente a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal aprendida de qualquer jeito.

Diante desse contexto, vimos a grande importância de se desenvolver no espaço escolar um trabalho de orientação sexual.

Orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. À orientação cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade. Esse trabalho pode ocorrer em ambientes tais como, centros de saúde, comunidades de bases, de bairro, clubes, igrejas, meios de comunicação (SUPLICY, 2000, p. 08).

A escola é um lugar privilegiado para que ocorra a Orientação Sexual, visto que esta é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito. Tendo em vista ainda que vínculos significativos entre alunos e professores podem originar, para além da aquisição de informações, efeitos psicológicos tais como, uma maior consciência de sua autonomia pessoal e, ao longo do processo pedagógico, uma melhor compreensão dos movimentos políticos e culturais, envolvendo a sexualidade.

Vínculos esses formados entre professores e alunos são fundamentais, pois, a sala de aula é o espaço onde diferentes aspectos da cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crianças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica, e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos (AQUINO, 1997. P. 93).

De acordo com Sayão (1997), durante muito tempo a escola veicula as informações biológicas sobre sexualidade. Nas disciplinas de Ciências e de Biologia, um dos objetivos é possibilitar o aluno conhecer a anatomia e a fisiologia do corpo humano. O sistema reprodutor começa a ser abordado na terceira série do primeiro grau, onde aparece como conteúdo mínimo a ser abordado. Depois no ensino fundamental e médio vai sendo apresentado cada vez com um número maior de informação e grande complexidade.

Vale ressaltar aqui em que momento do desenvolvimento dos adolescentes eles estão aptos a poder tomar suas decisões e elaborar seus próprios valores? Aos 13 anos, aos 14 anos ou aos 15 anos? De acordo com Figueiró (2013), nessa idade, está acontecendo o início do processo de amadurecimento nesse sentido. Podendo ocorrer variações individuais, isto é, dependendo da história de vida de cada

adolescente, do grupo de amigos, da família e da educação escolar recebida. Para que o adolescente tenha mais segurança e esteja preparado para tomar decisões responsáveis, é necessário um processo longo e contínuo de educação sexual, onde ele tenha muitas oportunidades para pensar, discutir, ouvir os amigos e os educadores, sejam eles os pais ou professores. Devido os adolescentes não ter condições, ainda, de tomar decisões tão importantes para sua vida é que nós, educadores, precisamos orientá-los para o fato de que seria muito bom para eles se deixasse para iniciar a sua vida sexual numa fase em que estejam mais amadurecidos, possivelmente, não antes dos 14 ou 15 anos.

Segundo Figueiró (2013), os pais podem fazer uma orientação sobre o assunto a partir do diálogo, e os professores devem propiciar momentos de reflexões e debates que ajudem os adolescentes a descobrirem, por si próprios, em conjunto, que esse é o caminho mais seguro. Tendo em vista que o sermão, ou seja, o falar, dar conselhos, normalmente, não funciona; pelo contrário, acaba criando resistência. Quando o professor ensina conteúdos de ciências ou biologia, é fundamental fornecer diretrizes para que os adolescentes possam refletir que, ao optar por começar sua vida sexual “precocemente” poderão se deparar com os riscos e consequências que esta iniciação precoce traz, podendo comprometer sua realização pessoal e sexual, bem como a do seu parceiro também. Riscos esses que podem ser desde uma gravidez indesejada, quanto à aquisição de DST/AIDS. Esses riscos são maiores no início da vida sexual precoce, pois os adolescentes estão se desenvolvendo tanto mentalmente como emocionalmente e, devido a esse processamento, eles apresentam dificuldades de desenvolver um comportamento metódico, organizado, como por exemplo, tomar anticoncepcional todos os dias e não se esquecer de carregar sempre a camisinha. Além disso, os adolescentes têm resquícios do pensamento mágico da infância, de que nada de ruim acontece com ele, dessa forma, para que se prevenir? Investimentos necessitam ser feitos para que adolescentes e jovens compreendam que devem ser sujeitos da sua própria sexualidade, com liberdade e responsabilidade, sabendo decidir qual seu momento certo e qual a pessoa certa. É o autogovernar-se (Figueiró, 2013).

A educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral quanto intelectualmente. Ao mesmo tempo em que orientamos para que pensem e decidam com seriedade qual o melhor momento para iniciar sua vida sexual, devemos ajudá-los a entender que, muito antes de se preocuparem em fazer sexo, devem investir em aprender a se expressar sexualmente, por meio de atitudes afetivo-eróticas. Isso significa aprender a dar e receber carícias, a dar e receber afeto; aprender a “curtir” a alegria e o prazer nos pequenos atos eróticos, tais como: tocar; pegar na mão; abraçar; beijar; afagar os cabelos; olhos nos olhos etc. (FIGUEIRÓ, 2013, p.193).

Podemos concluir que nós professores não devemos ditar regras, reprimir, castigar, mas favorecer a autonomia, conduzindo o educando a assumir atos moralmente positivos, para o seu bem-estar e o da sociedade, movido por uma compreensão interna, autônoma dos valores envolvidos.

A prática saudável da sexualidade supõe a conjunção de vários fatores: o funcionamento do corpo, os valores sociais, éticos e morais do meio social em que vive a pessoa, as leis culturais e a estrutura psíquica. Assim, as informações puramente orgânicas, adquiridas nas aulas de biologia, por exemplo, dizem sempre respeito ao de um sujeito teórico, objeto de estudo das ciências, anônimos, portanto: que não vive, não tem história, não deseja, não fala, não sofre, nem vive a angústia de crescer. Jamais serão utilizadas pelos jovens em sua vida sexual concreta (SAYÃO, 1997, p. 100).

O professor de ciência e biologia, segundo Junior (1997) está capacitado a fornecer as informações sobre a anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino, mas, ele também deve estar comprometido com uma postura pedagógica crítica e democrática para abordar os temas referentes à sexualidade. Sendo assim, a escola tem a função de esclarecer, orientar, informar e formar a sexualidade dos alunos, e, portanto, não deve se omitir de sua responsabilidade. E que o professor deve estar sempre em seu dia a dia, aperfeiçoando-se e desenvolvendo habilidades para tratar dos temas relacionados à sexualidade em sala de aula. Habilidades essas como a capacidade de conduzir as atividades de modo dinâmico, usando diferentes estratégias, onde os alunos tenham oportunidades de participar das atividades, problematizando os diferentes pontos de vista que possam surgir nas discussões.

De acordo com o autor os temas referentes à sexualidade abordados em sala de aula devem surgir a partir do cotidiano dos alunos, conforme a faixa etária, o grau de escolarização e o nível socioeconômico dos mesmos. É que o professor ao ensinar determinado conteúdo, como por exemplo, a gravidez na adolescência possa surgir ainda outros temas relacionados ao assunto, que causem curiosidade e interesse nos alunos e que os mesmos desejem discutir como: puberdade, ciclo menstrual, métodos contraceptivos, desejo, prazer, amor, sedução, casamento, produção independente, violência sexual, aborto, DST, AIDS, uso de drogas injetáveis, prostituição.

Devido ao desdobramento de todos esses temas que surgem quando o professor trabalha um determinado assunto referente à sexualidade, podemos perceber a complexidade de fatores e aspectos que estão interligados e que influenciam sobre a sexualidade humana.

Somente informações e orientações a respeito da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, muito embora sejam necessárias, não são suficientes para que possamos compreender a problematização que envolve um determinado tópico da “biologia sexual” (JUNIOR, 1997, p. 94).

Diante dessa complexidade de fatores interligados que influenciam sobre o tema sexualidade, quais profissionais são mais frequentemente apontados como responsáveis pela educação sexual?

Segundo Figueiró (2010) alguns autores designam, ou até “defendem” direta e, muitas vezes, exclusivamente, um tipo específico de profissional. Fucs (1987), dá ênfase ao professor de biologia/ciências. Nogueira (1981); Amaral, (1981); Stoll (1988) apontam diretamente o professor de biologia. Thums e Kieling (1990) dizem que essa função cabe a todo profissional da escola, mas afirmam, por outro lado que cabe principalmente ao professor de biologia e de educação física. Lins et al, (1985); Berger (1990) apontam para os profissionais da saúde; afirmam que são os mais aptos, por terem conhecimento das DST e que as escolas deveriam contratá-los para esse fim. Tavares, (1985); Felizari, (1989) aponta diretamente o enfermeiro sendo [...] o indicado para desempenhar função de orientador no ensino básico. Guimarães, (1989); Bruschini (1985); Gherpelli et al, (1992); Bruschini e Barroso, (1986) apontam

direta e exclusivamente para o professor e diz que a escola não pode restringir a tarefa ao professor de biologia, pois correria o risco de limitar o sexo à dimensão biológica. Ao mesmo tempo afirmam que não há necessidade de ser “um especialista em educação sexual”. Defendem enfaticamente que a escola (o professor) deve assumir a educação sexual e não médicos e terapeutas. Tomando como referência as opiniões de Guimarães (1989) e confrontando-as com outros autores, é possível exemplificar o quanto a questão sobre quem deve assumir o papel de educador sexual é permeada por séries de pontos em comuns e, também, por pontos diferentes entre os estudiosos da temática (FIGUEIRÓ, 2010, p. 153-154-155).

Diante dessas discussões, podemos concluir que as opiniões são bem divergentes quanto a quem deve assumir a educação sexual. O que devemos considerar é que não é válido prefixar de maneira delimitada, restrita, a quem cabe esse papel, menos ainda, é pensar com exclusividade em alguma área profissional. Pois no contato com a realidade, no cotidiano do exercício de cada profissional consciente e de boa vontade, esse trabalho de educação sexual pode ser realizado.

Mesmo os conteúdos sobre sexualidade serem abordados durante a vida escolar do aluno, muitos professores não o fazem de maneira satisfatória, devido alguns obstáculos encontrados ao trabalharem com a sexualidade, pois segundo Sayão (1997) muitos educadores, mesmo sem perceber, já ficam incomodados em transmitir esse tipo de conteúdo para seus alunos. Outra dificuldade é pelas reações dos alunos ao assistirem a tais aulas: sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinhos e perguntas. Além disso, ele mesmo tem sua própria concepção, convicções e valores sobre a vida sexual, incluindo-se aí a moral e os preconceitos.

Devido a todas essas dificuldades encontradas pelos professores ao trabalharem com a sexualidade, ainda nos deparamos no nosso cotidiano escolar com educadores que são habilitados em disciplinas diferentes de Ciências e Biologia dizerem que, não se “sentem” preparados para tratar pedagogicamente da sexualidade nas escolas por não possuírem formação inicial (graduação) e continuada (pós-graduação) específica para tanto. Uma análise crítica da função social do professor também pode contribuir para uma contra-argumentação desse posicionamento de docentes no sentido de que fundamentalmente ao ingressar, cursar e concluir uma graduação, os professores já se preparam para assumir turmas de alunos sexuais, e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem

desses por meio da apropriação de conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo da história (SANTOS, 2009, p. 64).

Diante desse contexto:

Ao abordar pedagogicamente da sexualidade com os alunos e alunas da rede pública estadual de ensino do Paraná, é preciso que os professores e professoras assumam o papel de discutir os conhecimentos sobre esse assunto, o que pressupõe um discurso pedagógico desprovido de preconceitos e discriminações (SANTOS, 2009, p. 63).

Segundo Santos (2009), as discussões sobre a sexualidade precisam, portanto, se dar nas várias disciplinas escolares, por meio dos conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná, em detrimento de uma discussão insipiente e desarticulada do contexto escolar.

“A aprendizagem não se realiza apenas na escola e nem é seu privilégio. Logo a família e a sociedade não podem isentar-se de suas co-responsabilidades com a educação” (MEIRELES, 1997, p. 85).

A família como sistema humano é composta por pessoas que possuem potenciais e possibilidades à espera de realização. São dotadas de talentos e dons, em permanente estado de manifestação. Criam a própria vida com base em crenças que são produtos da síntese e redefinição do passado com a anti-visão consciente e inconsciente do futuro. Somos todos responsáveis por nossa vida e capazes de modificá-la quando quisermos. Perante a criatividade somos todos iguais: empreendemos, divergimos, inventamos, experimentamos, criamos, administramos, modificamos, aperfeiçoamos, lideramos, inovamos, compartilhamos, trocamos semelhanças e diferenças (MEIRELES, 1997, p. 84).

Concluimos que “pensar em sexualidade, família e educação saudáveis é poder conjugar todos esses verbos, poder realizar todas essas ações, poder sentir todas essas emoções” (MEIRELES, 1997, p. 84).

Desde a década de 1980 se procura tratar dos problemas decorrentes das assimetrias de gênero nas escolas, incluindo o tema educação sexual (MARTINS, 2009, p. 95).

Quanto às relações de gênero, é fundamental a compreensão do tema para sua inclusão no trabalho de orientação sexual.

Segundo Sayão (1997), gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais, construídas a partir da diferença biológica dos sexos.

Corroborando com essa ideia, Goldberg (2010), coloca que gênero diz respeito ao modo como a masculinidade e a feminilidade são vividas, considerando-se que ambas são passíveis de mudanças ao longo da história, mudanças essas que se dá sócio culturalmente, ou seja, no convívio de uma cultura para outra.

Se o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no âmbito do gênero tomamos o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social. Historicamente têm havido privilégios concedidos aos homens e ainda persistem muitas discriminações relacionadas ao gênero. Trata-se então, de trabalharmos com base na equidade dos gêneros, possibilitando um reposicionamento de cada um em relação aos papéis preestabelecidos para cada um dos sexos. Não se trata de eliminar as diferenças, mas sim favorecer sua vivência a partir da singularidade de cada sujeito (SAYÃO, 1997, p. 116).

De acordo com Goldberg (2010), resgatar o gênero implica que homens e mulheres possam, em conjunto, de acordo com as necessidades de cada momento histórico, reavaliar a forma de viver e as possibilidades de ação de cada um, seus deveres e seus direitos, e viabilizar as mudanças na forma de viver e de atuar na sociedade, pensando sempre em conquistar o bem estar, o crescimento pessoal e a felicidade de ambos num ambiente onde nenhum sexo vale mais do que outro e onde todos, homens e mulheres tenham o mesmo direito.

Diante desse contexto Suplicy (2000), aborda que os aspectos mais importantes da discussão sobre a relação de gênero é que ela possibilita às pessoas se descobrirem como sujeitos de suas vidas, a partir da ideia de que, ao mesmo

tempo em que é socialmente determinada, sua ação no mundo também interfere nesse mesmo contexto social.

“A discussão das relações de gênero é fundamental na Orientação Sexual com adolescentes, pois diz respeito à identidade própria e às relações com o outro” (SUPLICY, 2000, p. 61).

A proposta desse projeto é que enquanto professores, possamos refletir com os nossos alunos adolescentes, para que percebam que a sexualidade, a família e educação são processos criativos, dinâmicos, em contínua transformação, direcionando-os a firmar um compromisso com o futuro, crer na capacidade de criar algo novo, estabelecer objetivos, explorar várias alternativas sem preconceitos, unir corações e mentes para formar vínculos com tudo e com todos, comprometer-se com propósitos maiores que nós mesmos (MEIRELES, 1997, p. 84).

Sendo assim, é necessário que o professor possa problematizar as práticas sociais de seus alunos, promover informações e discussões acerca das diferentes temáticas, considerando a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais, articulando-se, portanto, a um projeto educativo que exerça uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno e que inclua a sexualidade como algo ligado à vida, a saúde e ao bem-estar de cada aluno.

3 DISPOSITIVO METODOLÓGICO

Para aplicabilidade dessa intervenção didático-pedagógica que versou sobre a Adolescência e Sexualidade, teve como o ponto de partida um questionário investigativo com a finalidade de analisar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema supramencionado, envolvendo informações sobre métodos contraceptivos, relações de gênero, prevenção das DSTs e gravidez indesejada. Esse questionário destacou como pontos principais os seguintes questionamentos:

- Você concorda que muitos programas de televisão influenciam os adolescentes a iniciarem precocemente sua vida sexual?
- Você conversa sobre sexo com seus pais?

- Com quais pessoas você mais gosta de conversar sobre sexo?
- O conhecimento que você possui sobre sexo foi adquirido com quais pessoas?
- Você tem vergonha de falar sobre sexo?
- Você acha que a escola é um bom local para se discutir o tema sexualidade?
- Você acha que a escola é um bom local para se discutir o tema sexualidade?
- Você usou preservativo (camisinha) ou algum outro método contraceptivo?
- Nas relações sexuais você concorda que as pessoas devem usar preservativos (camisinha)?
- Você concorda que a camisinha é usada somente para evitar gravidez?
- Você sabe como uma mulher engravida?
- Numa primeira relação sexual a mulher pode engravidar?
- Você acha que o adolescente está preparado para assumir a paternidade ou a maternidade?
- Através de relações sexuais é possível contrair gonorréia, sífilis ou alguma outra DST?
- Você já ouviu falar nas DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis)?
- Qual o único método capaz de evitar DST ou uma gravidez indesejada?
- Você gostaria de receber na escola mais informações e orientações sobre sexualidade?
- Você acha difícil falar de sexo com os pais devido a quê?

Por meio de análise das respostas apresentadas pelos alunos no questionário investigativo, verificou-se que o conhecimento dos alunos referentes à sexualidade era bastante limitado, equivocado e do senso comum. Contudo, observou-se que eles demonstraram interesse nos assuntos mencionados no questionário. O que foi fundamental para direcionar a aplicação da intervenção pedagógica, pois percebeu-se que os alunos se motivaram para a aprendizagem.

A partir dessa motivação, iniciou-se o segundo momento da intervenção pedagógica com uma atividade, utilizando uma caixinha de dúvidas/anseios, onde os alunos puderam escrever em um papel as dúvidas/anseios, relacionados ao tema “Adolescência e Sexualidade” e colocando-as na caixinha para que as mesmas pudessem ser respondidas no decorrer da intervenção didático-pedagógica. Na sequência, o terceiro momento da intervenção em que foi introduzido o estudo sobre relações de gênero com a exibição do filme “Se eu fosse você” em que abordou a troca de identidade entre os personagens que tiveram que assumir um gênero diferente do seu, analisando o ponto de vista de cada um sob um novo ângulo. Em seguida foi realizado um debate sobre o tema abordado pelo filme para que os alunos pudessem refletir as situações mencionadas no filme, e chegou-se a conclusão que o gênero é construído ao longo da vida. Após, realizou-se quatro atividades para complementar o estudo dos gêneros. Na primeira atividade modelando o corpo, foi muito interessante o desenho traçado por eles do corpo humano, com a colocação dos órgãos nos seus devidos lugares, ou mesmos em alguns casos, apenas o nome do órgão. Em seguida fomentou-se uma discussão sobre a anatomia do corpo, bem como suas diferenças, momento ainda oportuno com o auxílio do torso, para introduzir os nomes científicos dos órgãos. Na atividade seguinte, discutiu-se sobre as vantagens e desvantagens de ser homem e mulher em nossa sociedade. Com a realização dessa atividade os alunos puderam refletir e analisar o significado dos papéis sexuais na sociedade e na vida de cada um. Dando sequência, com a realização da atividade nomeada de “Masculino ou Feminino”, o professor conduziu os alunos a refletirem sobre: as diferentes formas de serem “Homem” ou “Mulher”; os mitos que as mulheres são frágeis, delicadas e que choram à toa; e que “homem que é homem, não chora”, é durão e machista; muitas roupas e acessórios que são considerados somente do sexo feminino numa época, pode ser “unissex” em outra; algumas profissões consideradas somente “masculinas” e “femininas”; Após, com a atividade “Analisando Casos”, os grupos discutiram os casos citados, o professor organizou um seminário para que os mesmos refletissem e dessem suas opiniões referentes aos casos analisados, realizando assim uma análise sobre os modelos de comportamentos tradicionais e contemporâneos. No quarto momento foi introduzido o estudo do sistema reprodutor masculino e feminino, utilizou-se a TV-multimídia, slides, vídeos educativos da Super Interessante. Logo a seguir, iniciaram-se as oficinas para melhor compreensão do

assunto e da realização de seis atividades para que os alunos analisassem diversas situações, fatos relacionados à vida cotidiana das pessoas e assim, agir de maneira mais responsável e consciente diante das circunstâncias do dia a dia relacionadas à sexualidade. Na atividade “Mito ou Realidade” os alunos puderam refletir sobre os mitos relacionados à anatomia, fisiologia, anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis (DST). Na atividade “A linguagem dos adolescentes”, foi possível introduzir a terminologia científica na área da sexualidade, fazendo com que os alunos se sintam mais à vontade em relação a ela. Nesta atividade, o grupo se utiliza da linguagem popular que envolve a sexualidade, percebendo como essa linguagem está carregada de significados muitas vezes depreciativos, envolvendo mitos e tabus. Sendo necessário esclarecer ao grupo que o nome científico está destituído de emoção. Já os nomes populares têm um significado carregado de histórias e emoções pessoais. É importante saber quando e onde utilizar cada um desses nomes, privilegiando sempre que possível a terminologia científica. Na sétima atividade os alunos puderam visualizar a mensagem “A adolescência”, e após fizeram uma reflexão sobre a grande importância desse momento mágico na vida de cada um de nós. Na oitava atividade, os alunos puderam ouvir e refletir sobre a música “Cor de rosa-choque”, de Rita Lee, fazendo uma análise criteriosa da música, que aborda um momento muito importante na vida da adolescente, a sua menstruação. Discutimos sobre os mitos e tabus que envolvem a menstruação, aproveitamos o momento para conhecer o ciclo menstrual, bem como refletir sobre função primordial. Na atividade seguinte, “Dinâmica do bebê semente”, proporcionamos aos educandos atitudes e hábitos de responsabilidade em relação aos cuidados que um filho exige. Foi um momento muito bom, os alunos se interessaram para realização do experimento prático. Com a realização dessa dinâmica os adolescentes vivenciaram a responsabilidade da maternidade e da paternidade. Em seguida, realizamos um seminário para discutir e analisar as dificuldades de uma gravidez na adolescência. Foram propostos alguns questionamentos como: Teve alguém que não conseguiu cuidar do “bebê semente”, deixando-o morrer por falta de luz, água ou outro cuidado qualquer? A realização dessa atividade despertou algum sentimento em você? Ao cuidar da semente quais foram as dificuldades encontradas? Se cuidar da semente você já encontrou dificuldades, imagine como seria cuidar de um bebê? Foi possível com a realização desta atividade, você refletir o quanto seria difícil se ter um filho na adolescência?

Por esses questionamentos, os alunos foram instigados a responder e a realizar o pensamento reflexivo e crítico.

Dando sequência na aplicação da Unidade Didático-Pedagógica, foi introduzido o estudo dos Métodos Contraceptivos, onde os alunos fizeram pesquisa no laboratório de informática sobre os diferentes métodos contraceptivos, bem como seus benefícios e prejuízos. Para complementar o conteúdo estudado, os alunos assistiram dois vídeos. Em seguida fizeram a confecção de cartazes, para posterior a exposição dos trabalhos para a turma, depois os mesmos foram afixados no mural da escola. Para enriquecer o conteúdo estudado “métodos contraceptivos”, os alunos ainda assistiram ao filme “Juno”, através do qual os alunos puderam refletir sobre os transtornos que ocorrem numa gravidez na adolescência. Então, perguntamos aos alunos: Que significa ter uma vida sexual com responsabilidade? O que significa gravidez precoce? A gravidez precoce é considerada um problema? A gravidez na adolescência é uma das maiores preocupações dos pais, pois a maioria das vezes traz conseqüências muito profundas aos envolvidos. Quais são essas conseqüências? Você considera poucas as informações sobre a orientação sexual nas escolas e nas famílias? Quando acontece a gravidez na adolescência a responsabilidade é só da mulher, do homem ou dos dois? Por esses questionamentos, os alunos foram instigados a responder e a realizar o pensamento crítico. Realizamos ainda atividade “Análise de casos” referente ao conteúdo estudado, para que os alunos pudessem analisar diversas situações de gravidez indesejada, onde tudo poderia ser evitado se tivessem utilizado um dos métodos contraceptivos, despertando nos alunos atitudes conscientes e responsáveis. No sexto momento, abordamos as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), por meio da realização de pesquisas no laboratório de informática, onde os alunos puderam diferenciá-las, conhecer seus sintomas, medidas preventivas, formas de contágio e tratamento. Em seguida assistiram um a vídeo para enriquecimento do conteúdo estudado. Após, confeccionamos cartazes que foram expostos para a turma, e os mesmos foram afixados no mural da escola. Em seguida fizemos duas atividades, com o intuito de despertar atitudes conscientes, buscando evitar a contaminação das DSTs/AIDS. Na primeira atividade “Dinâmica do copos” foi interessante os alunos observarem que qualquer pessoa pode ser contaminado com o vírus HIV ou qualquer outra DST, quando se relaciona sexualmente sem o uso do preservativo. Os alunos receberam um copo descartável contendo água, e em

apenas um deles continha bicarbonato de sódio. Foi solicitado aos alunos que dançassem na sala de aula ao som de uma música, e quando a música parasse, eles tinham que trocar um pouco de água do seu copo com o copo do parceiro, simulando uma relação sexual. Esse procedimento foi repetido por algumas vezes, até que cada aluno trocasse um pouco de água com o colega. Explicamos que seria feito um teste para detectar quem tinha sido contaminado com a doença. Foi usado um repolho roxo como indicador, na água normal ele fica roxo e quando entra em contato com o bicarbonato fica verde. Assim, os testes foram realizados para verificação das pessoas contaminadas. Depois de uma análise e reflexão da atividade prática, despertou-se nos alunos atitudes de conscientização e puderam concluir que a melhor maneira de se preservarem numa relação sexual é fazer uso de preservativos para que não contraiam AIDS/DSTs. Na atividade “Contato pessoais” reconheceram as possibilidades de contaminação sexual de DSTs e AIDS, a cadeia de transmissão e sexo seguro. Para finalizar a implementação da Unidade Didático-Pedagógica, os alunos produziram um texto em que puderam expressar os conhecimentos adquiridos em relação ao tema estudado “Adolescência e Sexualidade” e assim, conseguiram relacioná-los e interligá-los em sua vida cotidiana. Essas produções escritas dos alunos serviram de parâmetro avaliativo para verificar o quanto os alunos apreenderam sobre a sexualidade nesta proposta didático-pedagógica. Através das produções dos alunos, notou-se a compreensão dos educandos diante das situações abordadas no projeto, o pensamento argumentativo, pois conseguiram externar as idéias na produção escrita com competência e autonomia.

3.1 GRUPO DE TRABALHO EM REDE-GTR

O Grupo de trabalho em Rede – GTR/2014 é um ambiente virtual em que o professor PDE tem a oportunidade de socializar e pôr em discussão o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola; a Produção Didático-Pedagógica e a implementação do Projeto que ocorre na Instituição de Ensino na qual o professor PDE pertence.

Esses grupos em Rede constituem uma das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE e caracteriza-se pela interação a distância entre o professor PDE e professores da Rede Pública de Ensino Estadual do Paraná que se inscreveram para participar do curso, possibilitando alternativa de formação continuada.

Esse Grupo de Trabalho em Rede é composto por algumas ferramentas que fazem com que a socialização do material elaborado pelo professor PDE aconteça de modo democrático. Tais ferramentas são biblioteca; quadro de avisos; fórum de dúvidas e sugestões; fórum de apresentação; e fórum 1, 2, 3 e Diário 1, 2 em que são postados os documentos e questionamentos que levem os cursistas a refletirem e se posicionar perante um conceito/assunto proposto sobre o trabalho (Projeto). Nesses ambientes, os cursistas contribuíram com sugestões e análise criteriosa do material e interagiram com os colegas. Assim, o conhecimento foi ampliado e contribuiu de forma a acrescentar novas ideias ao Projeto, Produção e implementação em busca de uma educação de qualidade aos alunos da Rede Pública de Ensino do Paraná.

Sendo o mesmo dividido em três temáticas: na primeira temática foi disponibilizado o Projeto de Intervenção Pedagógica para que os professores cursistas realizassem a leitura para tomar ciência do objeto de pesquisa e estudo do professor PDE. Na segunda temática foi postada a Produção Didático-Pedagógica, com a finalidade de socialização do material produzido pelo professor PDE. Já a terceira temática abordou as Ações de Implementação do Projeto na Escola, visando o acompanhamento das ações. Um aspecto importante a ressaltar é que ao final de cada temática o professor PDE elaborou uma síntese sobre a temática discutida. Também consta do GTR um espaço para a avaliação das atividades.

O ambiente virtual Fórum e Diário apresentam características distintas e são ferramentas muito utilizadas no ambiente, pois possibilitaram a discussão sobre um tema, podendo interagir com os colegas e aprimorar o conhecimento, são espaços virtuais que contribuem para o diálogo com professores de regiões do Estado. Isso vem a enriquecer as práticas pedagógicas para um ensino-aprendizagem na sua eficácia.

Os professores cursistas participaram dos debates, posicionaram-se e interagiram de forma democrática, respeitosa e, sobretudo, com empenho em apreender novos conceitos para desenvolver o trabalho de Educadores de forma a contribuir significativamente para formar alunos politicamente críticos, com conhecimento, atitudes coerentes perante as situações sociais, responsáveis e que possam atuar na sociedade de forma a transformar uma realidade não satisfatória para uma realidade que considere melhor.

Já o Diário é uma ferramenta na qual a interação acontece entre o professor PDE e os professores cursistas. Em cada participação dos cursistas, o professor PDE pode retornar com esclarecimentos, propondo leituras, conceitos, incentivando-os a atingir os objetivos do curso. Por haver essa possibilidade, foi possível interagir com os cursistas de forma pessoal. Outro recurso muito importante no GTR é o uso do *e-mail* de cada participante, pois por ele foi possível dialogar com os cursistas, bem como o espaço reservado para avisos onde o professor tutor pôde interagir com os cursistas, deixando recados.

Após o primeiro encontro virtual, deu-se início a primeira temática. Foi solicitado aos cursistas que realizassem a leitura do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola e proposto um questionamento sobre a importância de se trabalhar de se desenvolver no espaço escolar um trabalho de orientação sexual. A partir disso, os professores cursistas puderam elaborar um texto a respeito do assunto, contribuindo, assim, para aperfeiçoar o trabalho que elaboramos para os alunos.

Na segunda temática foi solicitado aos professores cursistas a leitura e análise da Produção Didático-Pedagógica. A socialização é uma forma de debater o material proposto. Também foi proposto um questionamento com base na Produção com a finalidade de discussão sobre o material e a viabilidade de aplicabilidade da Produção na Escola da rede pública do Paraná. Neste momento, os professores cursistas contribuíram de forma significativa, deram sugestões de atividades e, além disso, declararam que fariam uso da proposta em suas escolas. Apreciaram a forma de organização do material, manifestando suas congratulações quanto as atividades propostas no material. A maioria dos cursistas considerou o material relevante para se realizar um trabalho envolvendo o tem sexualidade.

A terceira temática está relacionada às Ações de Implementação. Foi disponibilizado aos cursistas o material do anexo I do GTR onde constam os objetivos e as ações. Neste momento, os cursistas fizeram a análise das ações de implementação e puderam analisar e avaliar a aplicabilidade da proposta (trabalho) e discutiram os encaminhamentos metodológicos. Eles realizaram discussões que trouxeram subsídios para melhorar a proposta de intervenção pedagógica na escola. Foi um momento prazeroso, visto que os cursistas participaram de forma a contribuir para uma implementação que visa um ensino de qualidade. Ainda nesta temática, aconteceu o Fórum: Vivenciando a prática. Neste momento, os cursistas postaram sugestões de atividades que já desenvolveram em sala de aula, sobre o tema sexualidade, e também compartilharam como foi à aplicabilidade de uma das atividades propostas no projeto, em alguma turma, de cada um dos participantes do GTR. Esse Fórum proporcionou um espaço de socialização de práticas pedagógicas, foi um momento enriquecedor, pois, pudemos realizar muitas trocas de experiências e angústias ao se abordar o tema sexualidade no espaço escolar.

Como o processo de avaliação é um momento importante em todo o contexto social, pois estamos sempre realizando práticas avaliativas no contexto escolar e sendo avaliados; a Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná – SEED-PR, por meio do ambiente virtual – GTR, propôs aos professores cursistas a avaliação das atividades para finalizar o grupo de estudo. A avaliação é um instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos, verificando o que é necessário para corrigir. Para isso, foi elaborado um questionário *on-line* para que os professores cursistas pudessem responder aos questionamentos de forma democrática, contribuindo assim com a melhoria do ambiente virtual e da formação continuada do professor PDE.

4 CONCLUSÃO

Escolheu-se esse tema “Adolescência e sexualidade” para ser o objeto de estudo nas aulas de ciências do 8º ano do ensino Fundamental, por compreender que tal conteúdo possibilita ao professor desenvolver atividades no contexto escolar que permita a reflexão dos adolescentes para que sejam capazes de resolver

questões relacionadas à: sexualidade, DSTs/AIDS, sexo seguro, gravidez indesejada na adolescência, vulnerabilidade e preconceitos. Questões essas que vem contribuir para que o adolescente exerça de maneira consciente e responsável a sexualidade. Para isso, fez necessário, inicialmente, um embasamento teórico-metodológico, tendo como subsídio os pressupostos teóricos que fundamentam o ensino de Ciências nas Diretrizes Curriculares de Ciências (Paraná, 2008), e ainda vários estudiosos no assunto. Assim, devem-se desenvolver ações no cotidiano escolar, articuladas entre o conhecimento do senso comum e o científico, sendo estas veiculadas pelos conteúdos das disciplinas escolares, a fim de que os alunos possam estabelecer relações entre o conteúdo científico e sua prática social. Nessa perspectiva, organizou-se a Unidade Didático-Pedagógica que auxiliou no desenvolvimento das atividades práticas com os alunos. Além disso, como uma das etapas da formação continuada do PDE, com participação no GTR, o qual contribuiu para socialização do projeto de intervenção na escola, a produção didático-pedagógica e as ações planejadas com outros professores de toda a rede estadual de ensino do Paraná. Nesse GTR, os professores cursistas puderam manifestar suas opiniões acerca do material didático-pedagógico, dentre elas pode destacar algumas: Rosangela Aparecida de Oliveira - "A sua produção didático-pedagógica proporcionou informações, discussões e problematizações sobre as diferentes temáticas abordadas sobre sexualidade. O encaminhamento metodológico, a organização dos conteúdos e a forma de aplicação dos temas foram bem fundamentados e interessantes, com temas vivenciados em nosso cotidiano. Com certeza eu a usarei em sala de aula, porque possibilita uma melhor abordagem sobre o assunto proposto e maior facilidade de compreensão. Muito interessante a abordagem sobre mitos/realidade, filme Juno e DSTs." Marli Aparecida Ronchi – "Eu usarei a Produção Didático-Pedagógica, pois ela está bem fundamentada, levantando questionamentos e apresenta vários tipos de informações e atividades diferenciadas daquelas propostas tradicionalmente. Isso propicia ao aluno processo de reflexão e sensibilização, possibilitando-lhe uma discussão aberta e contribuindo na valorização da vida". Por Ana Maria Ocanha - "A produção didático-pedagógica é muito rica em recursos e com certeza usarei em minhas aulas, visto que proporcionou momentos de reflexões para debates e trocas de ideias. Nossos adolescentes ainda não estão conscientizados em relação à sexualidade, cabe a nós professores ensinar, esclarecer as dúvidas de nossos a esse respeito da

temática para que os mesmos se tornem conscientes em relação à sexualidade”. Maria José Fassina Ladeia – “Com certeza usarei em minhas aulas, pois todas as atividades são de grande relevância para o desenvolvimento do tema proposto. Os encaminhamentos metodológicos das atividades permitiram a apreensão dos conteúdos de forma significativa, sendo apropriadas ao grau de maturidade e faixa etária dos alunos do 8º ano do ensino fundamental. Como já mencionado todas as atividades foram relevantes, uma vez que foram diferenciadas e cada uma tratou de um assunto de maneira, ao mesmo tempo, leve e prazerosa ao aluno, sendo de grande significado na construção do conhecimento”. por Donizete Gonçalves de Oliveira – “Eu usarei as atividades desta produção didático, pois a proposta contribuiu para orientar, tirar dúvidas, desenvolver o senso crítico do aluno e, sobretudo contribui para o respeito mútuo, que é um dos objetivos desta iniciativa. Na minha avaliação os alunos terão facilidade de compreensão e aprendizagem, por meio desta produção, porque apresentou diversas metodologias, o que facilitou o entendimento do assunto abordado”. Adriane Garcia de Oliveira, “as atividades propostas na Produção Didático-Pedagógica foram dinâmicas e envolventes, bem pertinente aos anseios dos alunos do 8º ano. Permitiu que os alunos buscassem esclarecimentos de maneira objetiva, clara, sendo prazerosa, uma vez que trabalhou de forma lúdica o assunto sexualidade. Pôde-se perceber que o conhecimento que os alunos tiveram não se resumiu apenas na prevenção e autocuidado, proporcionou uma reflexão crítica, levando a um ensino-aprendizagem significativo.”

O projeto de intervenção pedagógica foi aplicado em contra turno no período vespertino. O trabalho de intervenção foi muito participativo, pois os alunos tiveram engajamento nas atividades em grupo e se posicionaram diante dos questionamentos realizados.

Para finalizar a implementação da Unidade Didático-Pedagógica, os alunos produziram um texto em que puderam expressar os conhecimentos adquiridos em relação ao tema estudado. As produções escritas dos alunos serviram de parâmetro avaliativo para verificar o quanto os alunos aprenderam sobre a sexualidade nesta proposta didático-pedagógica.

Assim, como guisa de conclusão final, o encaminhamento teórico-metodológico que foi aplicado ao longo desta Produção proporcionou ao aluno exercer de maneira consciente e responsável sua sexualidade, e ao professor, poder

trilhar novos horizontes em busca do aperfeiçoamento de sua prática pedagógica nas aulas de Ciências.

Cabe aos professores, problematizar as práticas sociais dos alunos, promover informações e discussões acerca das diferentes temáticas, considerando a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais, dando oportunidades ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, permitindo a ampla liberdade de expressão em um ambiente acolhedor e num clima de respeito.

Diante dessa complexidade de fatores interligados que influenciam sobre o tema sexualidade, pudemos concluir que o papel da família será sempre primordial em relação à educação sexual dos filhos e, é por meio da relação com os pais que o ser humano adquire a capacidade amorosa e erótica que amadurecerá no decorrer da vida.

5 REFERÊNCIAS

_____. Sexualidade na Adolescência. Disponível em: <<http://estudandonossocorpo.blogspot.com.br/2011/05/sexualidade-naadolescencia.html>>. Acesso em: 13 out. 2013.

_____. Conjunto de Preservativos. Disponível em: <<http://s3.amazonaws.com/magoo/ABAAAgEj0AG-2.jpg>>. Acesso em: 13 out. 2013.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Dinâmica: Jogos dos Mitos e da Realidade**: Refletir sobre os mitos relacionados à anatomia, fisiologia, anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis (DST). Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

AUSUBEL, D.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**: uma prioridade do governo/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. - Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRUSCHINI, Maria Cristina (Org.). **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em casa e na escola. 3ª Ed. rev. e ampl. - São Paulo: Cortez, 1990.

BRUSCHINI, Maria Cristina (Org.). **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em casa e na escola. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUSCHINI, Maria Cristina; BARROSO, Carmen. **Educação sexual e prevenção da gravidez.** In: BARROSO, Carmen *et al.* *Gravidez na adolescência.* Brasília: INPLAN / IPEA / UNICEF, 1986.

JÚNIOR, César da Silva; SASSON, Sezar; SANCHES, Paulo S. Bedaque. **Entendendo a Natureza.** 7ª Série. Editora Saraiva. 1996.

EGYPTO, Carlos Antonio. **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia.** Londrina: Eduel, 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio.** 3ª Ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

FUCS, Gilda Bacal. **Por que o sexo é bom?: Orientação sexual para todas as idades.** 3ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

FUCS, Gilda Bacal. A educação sexual nas escolas. In:___ **Por que o sexo é bom?: Orientação sexual para todas as idades.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.p.200-226.

GANDRA, F. R.; PIRES, C. V. G.; LIMA, R. C. V. **O dia-a-dia do professor: Adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.** Belo Horizonte: Fapi, 2002. 5 v.

GHERPELLI, Maria Helena Brandão Vilela. **Direito ou renúncia à sexualidade? Uma experiência de orientação sexual com jovens limítrofes.** *Rev. Bras. Sexualidade Humana*, São Paulo, v.3, n.2, 1992.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. Educação Sexual: compromisso com a transformação social. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio.** 3ª Ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. **Ilusão e realidade do sexo na escola: um estudo das possibilidades da educação sexual.** 1989. Tese (Doutorado e Educação / Metodologia de Ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

JÚNIOR, Álvaro Lorencini. Os sentidos da Sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Julio Gropa (Org.). **Sexualidade da escola alternativas teóricas e práticas:** 5ª ed., São Paulo: Summus, 1997.

LUCHESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 14. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Meninas podem dizer não? Algumas considerações sobre as relações de gênero e a experiência sexual entre adolescentes. In: **PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual**. Curitiba: SEED-PR, 2009.

MEIRELLES, João Alfredo Boni de. Os ET's e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Julio Gropa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teórico e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Ciências**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Superintendência de Educação. Departamento de Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade/Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual**. Curitiba: SEED – Pr., 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Grupo de Trabalho em Rede –GTR, Curitiba: SEED, 2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Dia a dia Educação**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 out. 2013.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A Educação Sexual na Escola: Alguma Possibilidades Didático-metodológicas. In: **PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual**. Curitiba: SEED-PR, 2009.

SAYÃO, Roseli. Saber o Sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Gropa. **Sexualidade da escola**. 5ª Ed., São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários na adolescência: In: AQUINO, Julio Gropa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teórico e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

STOLL, Raul Roberto. **Orientação sexual nas escolas**. Signos, Lajeado, v.12, n.22, 1988.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 3ª ed., São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

TAQUETE, Stella R. **Sexualidade na adolescência**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/textoscomp/tc>>. Acesso em 13 maio 2013.

TAVARES, Celina Araújo. **Orientação sexual para crianças e adolescentes: proposta para formação de enfermeiros como educadores sexuais**. Rev. Paulista Enfermagem, São Paulo, v.5, n.1, 1985.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo: um guia para entender o desenvolvimento sexual afetivo nas novas gerações**. São Paulo: Gente, 1994.

THOMPSON, Letícia. **A adolescência**. Formatado por Carminha. Disponível em: <<http://www.leticiathompson.net/ByC-LeticiaThompson-Adolescencia.pps>>. Acesso em: 04 set. 2013.

THUMS, Jorge; KIELING, Suzana Schuch Santos. **Reflexões sobre uma educação sexual: análise de um estudo exploratório**. Educação, Porto Alegre, v.13, n.18, 1990.

VASCONCELOS, Naumi. **Amor e sexo na adolescência**. 15ª ed., São Paulo: Moderna, 1985.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.